



# Guia de Nutrição Felina

---

Como ler um rótulo, escolher a ração certa e alimentar o seu gato em cada fase da vida.

Um manual prático escrito por quem trabalha com nutrição felina há mais de duas décadas.

## ÍNDICE

---

### ABERTURA

|                                   |   |
|-----------------------------------|---|
| Porque o gato tem um guia só dele | 3 |
| Como usar este guia               | 3 |

### PARTE 1 · LER UM RÓTULO

|                                                       |    |
|-------------------------------------------------------|----|
| 1.1 Carnívoro estrito: o que isso muda no rótulo      | 6  |
| 1.2 Taurina e os nutrientes que o gato não fabrica    | 7  |
| 1.3 Proteína: quanto, e de onde                       | 9  |
| 1.4 Gordura, amido e a questão dos hidratos           | 10 |
| 1.5 Cinza, magnésio e fósforo: os minerais urinários  | 11 |
| 1.6 Húmido e seco: comparar em matéria seca           | 12 |
| 1.7 Checklist: 10 perguntas a fazer a qualquer rótulo | 13 |

### PARTE 2 · O GATO EM CADA FASE DA VIDA

|                                                     |    |
|-----------------------------------------------------|----|
| 2.1 Gatinho: a janela que não volta                 | 16 |
| 2.2 Gato adulto: quanto dar, de facto               | 17 |
| 2.3 Esterilizado e de interior: o perfil mais comum | 19 |
| 2.4 Gato sénior: emagrecer é sinal de alarme        | 20 |
| 2.5 Gata gestante e em lactação                     | 22 |

### PARTE 3 · PROBLEMAS COMUNS

|                                                    |    |
|----------------------------------------------------|----|
| 3.1 Água: o problema central da alimentação felina | 25 |
| 3.2 Trato urinário: cristais, cistite e obstrução  | 26 |
| 3.3 Obesidade e diabetes                           | 28 |
| 3.4 Doença renal crónica                           | 29 |
| 3.5 Vômito, bolas de pelo e digestão sensível      | 30 |
| 3.6 Pele, pelo e comichão                          | 31 |
| 3.7 O gato que não come                            | 33 |

### PARTE 4 · BOAS PRÁTICAS

|                                               |    |
|-----------------------------------------------|----|
| 4.1 Mudar de alimento a um animal desconfiado | 36 |
| 4.2 Conservação do alimento                   | 37 |
| 4.3 Comedouros, bebedouros e onde os pôr      | 38 |
| 4.4 Snacks e o que nunca dar                  | 39 |
| 4.5 Quando este guia deixa de bastar          | 40 |

### ANEXOS

|                                              |    |
|----------------------------------------------|----|
| A Tabela de rações diárias por peso e perfil | 43 |
| B Glossário de termos de rótulo              | 45 |

## Porque o gato tem um guia só dele

*O gato não é um cão pequeno. É a espécie doméstica com as exigências nutricionais mais rígidas e menos margem de erro — e durante décadas foi alimentado como se fosse.*

Um cão é omnívoro oportunista: aguenta uma dieta com bastante componente vegetal, adapta o metabolismo ao que recebe e sobrevive a desequilíbrios moderados durante muito tempo.

O gato não. É um **carnívoro estrito**, e isso não é uma preferência de paladar — é um conjunto de vias metabólicas que se perderam ao longo da evolução, porque a presa fornecia tudo o que era necessário. O gato não consegue fabricar taurina em quantidade suficiente. Não converte beta-caroteno em vitamina A. Não produz ácido araquidónico a partir de fontes vegetais. Não sintetiza vitamina D na pele. Cada uma destas lacunas transforma um nutriente em obrigação alimentar.

A isto junta-se uma segunda particularidade, esta comportamental: o gato descende de um felino de zonas áridas e tem um **impulso de sede muito fraco**. Não compensa com água a secura do alimento tão bem como o cão. É a raiz de metade dos problemas de saúde felinos que chegam à consulta.

Este guia foi escrito em torno destas duas realidades. Se levar apenas duas ideias daqui, que sejam: **proteína animal a sério** e **água a mais**.

### Uma nota sobre o que este guia não é

Este guia é informação nutricional de carácter geral. Não substitui a avaliação de um médico-veterinário, não diagnostica doenças e não prescreve dietas terapêuticas. Sempre que um capítulo tocar num limite clínico, dizemos isso de forma explícita.

## Como usar este guia

**De início a fim**, se está a escolher alimentação para um gato novo ou a repensar a de um gato que já tem. A ordem segue a lógica da decisão: aprender a ler o rótulo, identificar o perfil do animal, ajustar a problemas concretos.

**Por consulta**, se tem uma dúvida específica. Se o gato bebe pouco, vá ao 3.1. Se já teve cristais, vá ao 3.2. Se recusa a comida nova, vá ao 4.1. Se quer saber quanto dar, vá ao 2.2 e ao Anexo A.

#### OS CINCO DADOS QUE DEVE TER À MÃO

1. Peso atual, medido numa balança.
2. Peso ideal, se forem diferentes.
3. Idade.
4. Esterilizado ou não.
5. Acesso ao exterior ou exclusivamente interior.

Os dois últimos são o que mais frequentemente se ignora — e são os que mais alteram a quantidade de comida correta.

Ao longo do texto encontra três tipos de caixa. As de fundo areia dão uma regra prática ou um cálculo. As de moldura tratam mitos frequentes. As de tom avermelhado assinalam situações em que deve falar com o veterinário antes de mexer na alimentação — e no gato há mais destas do que no cão, porque os sinais de doença aparecem mais tarde e mais discretos.

## PARTE 1

# Ler um rótulo

No gato, o rótulo esconde decisões com consequências clínicas diretas — da taurina ao magnésio. Esta parte ensina-lhe a encontrá-las em dois minutos.

## 1.1 Carnívoro estrito: o que isso muda no rótulo

Começamos pelas regras comuns, que são as mesmas do cão. Na União Europeia os ingredientes são listados **por ordem decrescente de peso, tal como entram na fórmula**. A carne fresca leva cerca de 70% de água; a farinha desidratada não leva nenhuma. Trinta por cento de carne fresca correspondem, grosseiramente, a nove por cento de matéria seca no produto final.

E como no cão, há a prática de **dividir ingredientes**: em vez de «ervilha 30%», o rótulo apresenta «proteína de ervilha 12%», «fibra de ervilha 10%» e «amido de ervilha 8%». Some sempre as entradas que derivam da mesma matéria-prima.

### O que é específico do gato

No cão, uma fórmula com forte componente vegetal é uma escolha discutível. No gato, é um problema estrutural — por três razões:

**A taurina não existe em plantas.** É exclusiva de tecidos animais. Um alimento cuja proteína venha maioritariamente de leguminosas depende inteiramente de taurina adicionada em síntese. Não é necessariamente insuficiente, mas é uma dependência que vale a pena conhecer.

**O gato não converte beta-caroteno em vitamina A.** Falta-lhe a enzima intestinal que o cão e o ser humano têm. A cenoura e a batata-doce, que num alimento canino contribuem com precursores utilizáveis, no gato são apenas amido e fibra. O gato precisa de **retinol pré-formado**, presente em fígado e outros tecidos animais.

**O ácido araquidónico tem de vir já formado.** O gato tem capacidade muito limitada de o produzir a partir do ácido linoleico vegetal. Vem de gordura animal — e é essencial para pele, função reprodutiva e resposta inflamatória.

#### O TESTE DOS CINCO PRIMEIROS

Conte quantos dos **cinco primeiros ingredientes** são de origem animal. Num alimento felino de gama alta, espere **dois ou três**, com o primeiro animal e nomeado por espécie. Se os cinco primeiros forem cereais, leguminosas e batata, está a comprar um alimento formulado com lógica de omnívoro para um animal que não é.

### Subprodutos: no gato, ainda menos motivo para os temer

«Subproduto animal» é, na legislação europeia, a parte do animal não destinada a consumo humano: fígado, coração, rins, pulmão, moela, cartilagem. No gato, muitos destes são precisamente os ingredientes mais valiosos — o coração é uma das fontes naturais mais ricas em taurina, e o fígado é a principal fonte de retinol pré-formado.

O problema não é o ingrediente: é a falta de especificação. «Fígado de frango» diz-lhe algo. «Subprodutos animais», sem mais, não diz nada — pode ser fígado e coração, ou pode ser material queratinoso com proteína no papel e pouco valor real.

#### MITO

«Se o rótulo diz subprodutos, é ração má.»

Falso como afirmação geral, e particularmente desajustado no gato. Órgãos são o que um felino selvagem come primeiro numa presa. O que deve procurar não é a ausência da palavra, mas a presença de especificação.

## 1.2 Taurina e os nutrientes que o gato não fabrica

Esta é a secção que distingue verdadeiramente um rótulo felino de um canino. São nutrientes que, no gato, passaram de «desejáveis» a **dieteticamente obrigatórios**.

### Taurina

A taurina é um aminoácido sulfurado. Os mamíferos em geral produzem-na a partir de cisteína e metionina; o gato tem capacidade de síntese muito baixa e, ao mesmo tempo, perde taurina continuamente porque a usa obrigatoriamente para conjugar os ácidos biliares. Entra pouca e sai muita.

As consequências da deficiência são graves e bem documentadas: **cardiomiopatia dilatada**, com dilatação e falência do músculo cardíaco, e **degeneração da retina central**, que evolui para perda de visão. Junta-se a isso falência reprodutiva e mau crescimento em gatinhos.

A parte útil desta história é que ambas as lesões foram identificadas nos anos oitenta e a taurina passou a ser adicionada a todos os alimentos completos para gato. O ponto de atenção mudou de lugar: hoje o risco não está num alimento felino comercial completo — está em **dietas caseiras não formuladas por um nutricionista** e em **alimentar um gato com comida para cão**.

#### NUNCA ALIMENTE UM GATO COM RAÇÃO PARA CÃO

Não é uma questão de preferência nem de economia. A ração para cão tem tipicamente **metade da proteína** que o gato precisa, **não tem taurina suplementada** nos níveis felinos, **não garante retinol pré-formado** e **não garante ácido araquidónico**. Um gato alimentado assim durante meses corre risco real de cardiomiopatia e de cegueira irreversível.

Uma ou duas refeições de emergência não causam dano. O problema é o hábito.

Nos rótulos, a taurina aparece habitualmente nos aditivos. Note que os alimentos **húmidos** exigem, por norma, o dobro da taurina declarada dos secos — o processamento em lata e a interação com outros componentes reduzem a fração efetivamente disponível, e a formulação compensa isso.

### Vitamina A (retinol)

Tem de vir já formada, de origem animal. Curiosamente, o gato é também sensível ao excesso: dietas baseadas em grandes quantidades de fígado podem causar **hipervitaminose A**, com lesões ósseas dolorosas. É outro argumento contra dietas caseiras improvisadas — aqui erra-se por defeito e por excesso.

### Ácido araquidónico

Ómega-6 de cadeia longa, de origem animal. Essencial para a barreira cutânea, agregação plaquetária e função reprodutiva.

### Niacina (vitamina B3)

Outros mamíferos produzem parte da sua niacina a partir do triptofano. No gato, uma via enzimática concorrente desvia esse triptofano, e a conversão é praticamente irrelevante. A niacina tem de estar no alimento.

### Vitamina D

O gato não a sintetiza na pele por exposição solar de forma significativa. Ao contrário do que muita gente assume ao ver um gato deitado ao sol, o sol não resolve a vitamina D dele. Tem de vir na dieta.

### Arginina

Aminoácido essencial, com requisito particularmente elevado no gato porque o ciclo da ureia depende dele para eliminar amónia. A deficiência provoca **hiperamoniemia** com sinais neurológicos, e instala-se depressa.

#### O QUE ISTO SIGNIFICA NA PRÁTICA

Escolha sempre um alimento declarado como **completo para gato**, na fase de vida correta. Um alimento completo cumpre os perfis de nutrientes estabelecidos — é exatamente esse o valor da palavra «completo» no rótulo.

Desconfie de: alimentos «para cães e gatos» sem distinção, dietas caseiras sem formulação profissional, e alimentos **complementares** (muitos patés e snacks) usados como refeição principal. O «complementar» no rótulo significa que aquilo **não é nutricionalmente completo** e não deve ser a base da alimentação.

## 1.3 Proteína: quanto, e de onde

O gato tem um requisito proteico substancialmente mais elevado do que o cão, e por uma razão pouco conhecida: as enzimas hepáticas que degradam aminoácidos estão **permanentemente ativas**. Num omnívoro, a atividade dessas enzimas baixa quando a dieta é pobre em proteína, poupando-a. No gato não baixa da mesma forma — ele continua a consumir proteína para energia mesmo quando ela é escassa, e recorre então ao músculo.

É por isso que um gato com proteína insuficiente perde massa muscular relativamente depressa, mesmo ingerindo calorias suficientes em gordura e amido.

### Valores de referência

| Perfil                  | Proteína bruta<br>alimento seco | Gordura bruta<br>alimento seco |
|-------------------------|---------------------------------|--------------------------------|
| Gatinho em crescimento  | 34-42%                          | 18-24%                         |
| Adulto manutenção       | 32-40%                          | 14-20%                         |
| Esterilizado / interior | 34-42%                          | 10-14%                         |
| Controlo de peso        | 36-45%                          | 9-12%                          |
| Sénior saudável         | 34-42%                          | 14-18%                         |
| Gata em lactação        | 36-45%                          | 20-25%                         |

Repare no padrão: a proteína mantém-se alta ou sobe em quase todos os perfis, e o que se ajusta é a **gordura**. Num gato esterilizado de interior com tendência a engordar, a estratégia correta é manter a proteína elevada e reduzir a gordura — não o contrário.

### Porque a percentagem sozinha não basta

Como no cão, a «proteína bruta» é calculada a partir do azoto total multiplicado por um fator. Qualquer material azotado conta, incluindo proteína de baixíssimo valor biológico. Dois alimentos com 36% declarados podem ser muito diferentes.

O que separa um do outro é a **digestibilidade**, o **perfil de aminoácidos** e a **relação proteína/energia**. Para comparar a sério, procure a energia metabolizável em kcal/100 g — muitas vezes só disponível na ficha técnica online — e divida a proteína por ela. Um alimento com 38% e 380 kcal/100 g entrega mais proteína por caloria do que um com 40% e 440.

## 1.4 Gordura, amido e a questão dos hidratos

### Gordura

A gordura é a fonte energética mais densa e o veículo das vitaminas A, D, E e K. No gato importa também como fonte de **ácido araquidónico**, o que torna a origem relevante: «gordura de galinha» e «óleo de salmão» dizem-lhe de onde vem; «óleos e gorduras» não.

Um ponto prático: a gordura é o principal determinante da **palatabilidade** num alimento felino. É também o principal determinante das calorias. Um alimento muito gordo é mais apetecido e engorda mais — e num gato esterilizado de interior isso é uma combinação perigosa.

### Amido e hidratos de carbono

Aqui é preciso separar duas afirmações que costumam andar juntas e não são equivalentes.

A primeira é verdadeira: **o gato não tem necessidade fisiológica de hidratos de carbono**. Tem capacidade limitada para lidar com grandes cargas de amido — baixa atividade de amilase salivar, menor atividade de enzimas intestinais e hepáticas ligadas ao metabolismo da glucose.

A segunda é exagerada: **hidratos não são veneno**. Num alimento seco extrudido é tecnicamente impossível chegar a zero amido, porque é o amido que dá estrutura ao croquete. Um teor moderado de amido bem cozinhado é bem tolerado pela maioria dos gatos saudáveis.

A leitura sensata está no meio: procure alimentos onde o amido seja o **acompanhamento** e não a base. E note que o rótulo raramente declara o amido diretamente — estima-se pelo que sobra depois de somar proteína, gordura, fibra, cinza e humidade.

#### ESTIMAR O AMIDO DE CABEÇA

Some proteína + gordura + fibra + cinza + humidade e subtraia de 100. O que resta é aproximadamente o extrato não azotado, na prática sobretudo amido e açúcares.

**Exemplo:** 38% proteína + 16% gordura + 2,5% fibra + 7% cinza + 8% humidade = 71,5. Restam **28,5%**.

Valores na casa dos 25% a 30% são comuns e aceitáveis em seco. Acima de 40%, o alimento tem mais amido do que proteína — o que, num carnívoro estrito, é uma inversão que vale a pena questionar.

#### MITO

##### «Grain free significa baixo teor de hidratos.»

Não significa. Retirar cereais e substituí-los por batata, ervilha, grão ou tapioca pode dar um teor de amido igual ou até superior. «Sem cereais» descreve a *origem* do amido, não a *quantidade*. Se o objetivo é reduzir amido — por exemplo num gato diabético — o que interessa é o cálculo acima, não a palavra no saco.

## 1.5 Cinza, magnésio e fósforo: os minerais urinários

No gato, os minerais deixam de ser um detalhe técnico e passam a ser um assunto clínico, porque a doença do trato urinário inferior é uma das razões mais frequentes de consulta felina.

### Cinza bruta (matéria inorgânica)

É o resíduo mineral total: cálcio, fósforo, magnésio, potássio, sódio, oligoelementos. Não é impureza. Em alimento seco para gato, valores entre **6% e 9%** são normais.

Cinza muito elevada, acima de 10%, sugere excesso de material ósseo — o que aumenta minerais que interessa manter controlados e dilui o valor nutricional útil. Cinza muito baixa levanta a questão oposta: se os minerais essenciais estarão em quantidade suficiente.

### Magnésio

É o mineral a observar com mais atenção num gato com historial urinário. O magnésio é um dos componentes dos cristais de **estruvite** (fosfato de amónio e magnésio), o tipo mais comum em gatos jovens. Fórmulas orientadas para saúde urinária mantêm o magnésio deliberadamente baixo.

Mas atenção — e este é um ponto que se percebe mal: restringir magnésio ao máximo não é bom em absoluto. O magnésio é um mineral essencial, e a restrição agressiva combinada com acidificação da urina desloca o problema para o **oxalato de cálcio**, o outro tipo de cristal, que se forma em urina ácida. Trocar um problema por outro não é ganho.

### Fósforo

Relevante por duas vias. Entra na formação de estruvite, e é o mineral cuja restrição tem **benefício demonstrado na sobrevivência** em gatos com doença renal crónica — a condição mais prevalente no gato idoso.

Num gato adulto saudável, não há razão para restringir fósforo. Mas há boas razões para evitar alimentos com fósforo desnecessariamente elevado, especialmente a partir da meia-idade, porque a função renal declina com os anos e a doença renal é frequentemente silenciosa até fases avançadas.

## pH urinário

Alguns alimentos indicam o pH urinário-alvo que produzem. A lógica: a estruvite forma-se em urina **alcalina**, o oxalato de cálcio em urina **ácida**. Um alimento com alvo em torno de 6,2 a 6,4 procura ficar na janela em que nenhum dos dois se forma facilmente.

### NÃO ESCOLHA UMA DIETA URINÁRIA POR SUA INICIATIVA

Dietas de acidificação e restrição mineral são ferramentas dirigidas a um tipo específico de cristal, identificado por análise de urina. Escolher uma ao calhas pode agravar o problema oposto — e se houver cristais de oxalato de cálcio, nenhuma dieta os dissolve.

Se o seu gato já teve um episódio urinário, a dieta é escolhida pelo veterinário com base no que a urina mostrou. O que **pode** fazer sempre, em qualquer cenário e sem risco, é aumentar a ingestão de água (ver 3.1).

## 1.6 Húmido e seco: comparar em matéria seca

Comparar diretamente os rótulos de uma lata e de um saco de ração é um erro comum e leva a conclusões invertidas. Uma lata com «10% de proteína» parece muito pior do que uma ração com «38%» — quando frequentemente é melhor.

A razão é a água. O alimento húmido tem 78% a 82% de humidade; o seco tem 8% a 10%. Para comparar, é preciso retirar a água dos dois e olhar para a **matéria seca**.

### CONVERTER PARA MATÉRIA SECA

**Valor em matéria seca = nutriente ÷ (100 – humidade) × 100**

**Lata:** 10% de proteína, 80% de humidade →  $10 \div 20 \times 100 = 50\%$  de proteína em matéria seca

**Seco:** 38% de proteína, 9% de humidade →  $38 \div 91 \times 100 = 41,8\%$  em matéria seca

Ou seja: a lata que parecia ter um quarto da proteína tem, na verdade, mais. Faça esta conversão sempre que comparar formatos diferentes.

## As vantagens de cada formato

|                           | Húmido                                                                    | Seco                                                   |
|---------------------------|---------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|
| <b>Água</b>               | Grande vantagem: ~80% de humidade contribui diretamente para a hidratação | Obriga o gato a compensar a beber — e ele compensa mal |
| <b>Proteína em MS</b>     | Geralmente mais alta                                                      | Geralmente mais baixa                                  |
| <b>Amido</b>              | Geralmente muito baixo                                                    | Estruturalmente necessário                             |
| <b>Densidade calórica</b> | Baixa — ajuda na saciedade e no controlo de peso                          | Alta — fácil ingerir muitas calorias em pouco volume   |
| <b>Custo por dia</b>      | Mais elevado                                                              | Mais baixo                                             |
| <b>Praticidade</b>        | Não pode ficar no comedouro; sobras vão ao frio                           | Pode ficar disponível — o que é conveniência e risco   |
| <b>Placa dentária</b>     | Sem efeito mecânico                                                       | Efeito mecânico modesto; não substitui escovagem       |

## A recomendação prática

Para a maioria dos gatos, uma **dieta mista** é o melhor compromisso: seco de boa qualidade como base, com uma ou duas refeições húmidas por dia. Fica-se com o custo controlado do seco e com o ganho de hidratação do húmido — que é o parâmetro com maior impacto na saúde felina a longo prazo.

Se o gato tem historial urinário, se bebe notoriamente pouco, ou se está acima do peso, o argumento desloca-se a favor de **mais húmido**, até à dieta exclusivamente húmida.

### AO MISTURAR FORMATOS, FAÇA A CONTA EM CALORIAS

Não dê «a ração normal mais uma lata». Isso soma calorias e engorda o gato. Se acrescenta uma lata de 85 g com cerca de 70 kcal, **retire cerca de 18 g de seco** (a 400 kcal/100 g). O total diário é que tem de bater certo.

## 1.7 Checklist: 10 perguntas a fazer a qualquer rótulo

- 01** Diz «**alimento completo para gato**» e na fase de vida correta — ou é complementar?
- 02** O **primeiro ingrediente** é animal e nomeado por espécie?
- 03** Quantos dos **cinco primeiros** ingredientes são animais?

- 04** A carne é **fresca** ou **desidratada**? Ajustei a percentagem?
- 
- 05** Há **taurina** declarada nos aditivos?
- 
- 06** A **proteína** está nos 32–42% (seco)? E a **gordura** é adequada ao perfil do meu gato?
- 
- 07** Fiz a conta do **amido** por subtração? Ficou abaixo da proteína?
- 
- 08** A **cinza** está entre 6% e 9%? O **magnésio** e o **fósforo** estão declarados?
- 
- 09** A **gordura tem origem identificada**, ou diz só «óleos e gorduras»?
- 
- 10** A **energia metabolizável** está declarada em kcal/100 g, para eu calcular a dose?
- 

#### COMPOSIÇÃO ABERTA: QUANDO DEIXA DE SER PREFERÊNCIA

Um rótulo de composição **aberta** nomeia os ingredientes. Um de composição **fechada** usa categorias genéricas («carnes e subprodutos animais», «cereais»), o que permite ao fabricante trocar a matéria-prima conforme o mercado.

Se o seu gato tem suspeita de reação alimentar, a composição aberta passa a ser um requisito: sem saber que proteínas estão no alimento, não é possível evitá-las nem fazer uma dieta de eliminação.

## PARTE 2

# O gato em cada fase da vida

Um gatinho de três meses, um gato esterilizado de apartamento e um gato de treze anos têm necessidades muito diferentes. Esta parte trata cada um — com números.

## 2.1 Gatinho: a janela que não volta

O gatinho cresce depressa e come muito em relação ao seu tamanho. Mas há uma particularidade felina que não existe no cão: a fase de gatinho é também a janela em que se forma o **repertório alimentar** do animal — e essa janela fecha.

### As fases

| Período     | O que acontece                                             | Prioridade                                                                                |
|-------------|------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|
| 0-4 semanas | Alimentação exclusivamente láctea                          | Leite materno; substituto <b>específico para gato</b> se necessário — nunca leite de vaca |
| 4-8 semanas | Desmame progressivo                                        | Alimento de gatinho humedecido; introdução de texturas                                    |
| 2-6 meses   | Crescimento mais rápido                                    | Densidade energética e proteica altas; 4 refeições/dia                                    |
| 6-12 meses  | Desaceleração; frequentemente coincide com a esterilização | Ajustar energia após esterilizar; 3 refeições/dia                                         |

A transição para alimento de adulto faz-se tipicamente aos **12 meses**. Em raças de maturação lenta, como o Maine Coon, Norueguesa da Floresta ou Ragdoll, pode prolongar-se até aos 15 a 18 meses — estas raças continuam a crescer bastante depois do primeiro ano.

### A neofobia começa aqui

Os gatos formam as suas preferências alimentares cedo, e um gato que só conheceu croquete seco de um sabor ao longo do primeiro ano tende a tornar-se um adulto extremamente resistente a qualquer novidade. Isto não é um detalhe estético: se mais tarde precisar de uma dieta terapêutica — renal, urinária, de eliminação — vai enfrentar um animal que recusa e um problema clínico que não espera.

#### O MELHOR INVESTIMENTO QUE FAZ NUM GATINHO

**Exponha-o a variedade de texturas e formatos** durante o primeiro ano: seco, paté, pedaços em gelatina, mousse. Não é preciso mudar de marca constantemente — basta que a experiência dele inclua mais do que uma textura.

Um gato que aos oito meses já come seco e húmido é um gato que aos doze anos aceitará a dieta renal que lhe pode dar anos de vida. É uma decisão de hoje com retorno daqui a uma década.

## Quantas refeições

O gato é, por natureza, um comedor de muitas refeições pequenas — um felino selvagem faz dez a vinte capturas pequenas ao dia. Num gatinho, isto traduz-se em quatro refeições até aos seis meses e três até ao ano. Comedouros de enriquecimento (puzzle feeders) encaixam bem neste padrão e trabalham a estimulação mental ao mesmo tempo.

### NUNCA DÊ LEITE DE VACA A UM GATINHO

O leite de vaca não tem a composição do leite de gata — é mais pobre em proteína e gordura e mais rico em lactose — e a maioria dos gatos perde a lactase após o desmame. O resultado é diarreia num animal minúsculo, em que a desidratação se instala em horas.

Se precisa de alimentar um gatinho órfão, use um **substituto de leite formulado para gatos** e peça orientação veterinária sobre frequência e quantidade.

## 2.2 Gato adulto: quanto dar, de facto

A tabela do saco é uma média populacional. A variação individual entre gatos do mesmo peso é grande — e no gato os intervalos de peso são tão estreitos que um erro de 20 gramas por dia tem consequências visíveis ao fim de meses.

### O cálculo em dois passos

#### Passo 1 — Necessidade energética em repouso (NER):

##### FÓRMULA

$$\text{NER} = 70 \times (\text{peso em kg})^{0,75}$$

Exemplo para um gato de 4 kg:  $40,75 = 2,83$ . Multiplicado por 70 = **198 kcal/dia** em repouso.

**Passo 2 — Multiplicar pelo fator do perfil.** Note que os fatores felinos são **muito mais baixos** que os caninos — um gato esterilizado de interior gasta pouco acima do seu metabolismo basal:

| Situação                                          | Fator     |
|---------------------------------------------------|-----------|
| Necessidade de perda de peso (sobre o peso ideal) | 0,8       |
| Esterilizado, exclusivamente interior             | 1,2       |
| Inteiro, ou esterilizado com boa atividade        | 1,4       |
| Com acesso livre ao exterior / muito ativo        | 1,4 - 1,6 |
| Gatinho 4-12 meses                                | 2,0       |
| Gatinho até 4 meses                               | 2,5       |
| Gata gestante                                     | 1,6 - 2,0 |
| Gata em lactação                                  | 2,0 - 6,0 |
| Sénior magro, a precisar de ganhar                | 1,4 - 1,6 |

## De calorias para gramas

### EXEMPLO COMPLETO

Gato esterilizado, 4,5 kg, vive num apartamento.

**NER:**  $4,50,75 = 3,09 \times 70 = 216 \text{ kcal}$

**Necessidade diária:**  $216 \times 1,2 = 260 \text{ kcal}$

**Ração com 400 kcal/100 g:**  $260 \div 4,00 = 65 \text{ g por dia}$

Sessenta e cinco gramas. Cabem na palma da mão — e é fácil perceber porque é que «uma tigela cheia» engorda um gato.

## E depois ajusta-se

- **Pese o gato** a cada duas semanas, na mesma balança. Uma balança de cozinha com o gato numa caixa (descontando a caixa) funciona bem.
- **Avalie a condição corporal** com as mãos: deve sentir as costelas sob uma camada fina, ver cintura de cima e sentir a curva do abdómen a subir de lado.
- Se ganha peso indesejado, reduza **10%** e reavalie em duas semanas.
- Se perde peso, **não aumente sem mais** — vá ao 2.4 e ao 3.7. No gato, a perda de peso é mais frequentemente sinal de doença do que de comida insuficiente.

## PESE A RAÇÃO

Num gato, a diferença entre 55 e 70 gramas é a diferença entre magro e obeso ao fim de um ano. Um copo de ração pode variar 20% em peso conforme o croquete e o enchimento. Uma balança de cozinha é indispensável — mais na alimentação felina do que na canina.

### MITO

«O gato autorregula-se: deixa-se a ração à vontade e ele come o que precisa.»

Era razoavelmente verdade no gato inteiro com acesso ao exterior e alimento pouco palatável. Deixou de ser no perfil dominante hoje — gato esterilizado, de interior, com croquete de alta palatabilidade sempre disponível. Nesse contexto, a disponibilidade permanente é um dos principais motores da obesidade felina.

A solução não é passar a uma única refeição grande, que contraria a natureza do animal. É **pesar o total diário** e distribuí-lo em três ou quatro porções, ou em comedouros de enriquecimento.

## 2.3 Esterilizado e de interior: o perfil mais comum

Em Portugal, a maioria dos gatos de companhia é esterilizada e vive predominantemente dentro de casa. Este é, de longe, o perfil mais frequente — e também o de maior risco nutricional, porque acumula dois fatores que empurram na mesma direção.

### O que a esterilização muda

A esterilização reduz a necessidade energética em cerca de **20% a 30%** e, ao mesmo tempo, tende a **aumentar o apetite**. A alteração é rápida: a redução do gasto é mensurável poucas semanas após o procedimento.

Se a quantidade de comida não mudar, o ganho de peso é a consequência esperada. Não é a cirurgia que engorda o gato — é a alimentação que ficou igual quando o metabolismo mudou.

### O que o interior acrescenta

Um gato de apartamento percorre uma fração da distância de um gato com acesso ao exterior, não caça, e passa mais horas a dormir. A isso soma-se um fator menos óbvio: a comida torna-se uma das poucas fontes de estimulação do dia, e o comportamento de pedir comida instala-se como rotina de interação.

### O QUE FAZER NAS SEMANAS APÓS A ESTERILIZAÇÃO

**Reduza a quantidade em cerca de 20%** duas a três semanas após o procedimento, terminada a recuperação.

**Pese o gato a cada duas semanas** durante os primeiros três a seis meses — o período de maior risco.

**Considere uma fórmula «esterilizado»:** proteína elevada, gordura reduzida, mais fibra. Permite manter o volume da refeição com menos calorias, o que importa num animal com apetite aumentado.

**Separe comida de atenção.** Se o gato pede comida e a resposta é sempre comida, a associação reforça-se. Responda com brincadeira, escova ou colo — funciona para ele e poupa calorias.

### Enriquecimento: o substituto da caça

Num gato de interior, a forma de alimentar importa quase tanto quanto o que se dá:

- **Comedouros de enriquecimento** e bolas dispensadoras obrigam a trabalhar para a comida, abrandam a ingestão e ocupam tempo.
- **Espalhar a ração** por vários pontos da casa recria o padrão de várias capturas pequenas.
- **Verticalidade** — prateleiras, árvores, pontos altos — aumenta a atividade espontânea mais do que qualquer brinquedo no chão.
- **Brincadeira dirigida** de dez minutos, duas vezes ao dia, com um brinquedo que simule presa.

## 2.4 Gato sénior: emagrecer é sinal de alarme

Um gato entra na fase sénior por volta dos **10 a 11 anos**, e geriátrica a partir dos 14. Mas a mudança nutricional mais importante desta fase não é uma fórmula: é uma mudança de vigília.

## NO GATO IDOSO, PERDER PESO NUNCA É NORMAL

Num cão velho, alguma perda de massa é esperada com a idade. Num gato, a perda de peso é **um dos sinais mais fiáveis de doença** — e frequentemente o primeiro a aparecer, meses antes de qualquer outro sintoma.

As causas mais frequentes são todas tratáveis ou manejáveis se detetadas a tempo: **doença renal crónica, hipertiroidismo, diabetes mellitus**, doença dentária dolorosa, doença inflamatória intestinal e neoplasia.

Um gato com mais de 10 anos que perde peso precisa de **análises de sangue e urina**, não de mais comida. E se o gato perde peso *com bom apetite*, isso aumenta a suspeita em vez de a diminuir — é o padrão típico do hipertiroidismo e da diabetes.

## O mito da proteína reduzida

### MITO

«Gatos velhos devem comer menos proteína para poupar os rins.»

Esta ideia circulou durante décadas e é particularmente prejudicial no gato. Em animais saudáveis, não há demonstração de que a proteína dietética cause dano renal. E restringi-la num gato sénior tem um custo real: acelera a **perda de massa muscular**, que no gato idoso é já uma tendência acentuada e está associada a pior prognóstico.

O que se restringe em doença renal crónica *diagnosticada* é o **fósforo** — é essa a restrição com benefício demonstrado. A proteína numa dieta renal é moderada e escolhida por alta qualidade e digestibilidade, não minimizada. É uma decisão clínica baseada em análises, nunca uma precaução a aplicar por idade.

## O que o gato sénior precisa

**Proteína de alta qualidade, mantida ou aumentada.** A capacidade de digestão proteica declina um pouco com a idade, o que argumenta a favor de manter níveis altos e boa digestibilidade.

**Mais água.** A função renal declina com a idade em praticamente todos os gatos. Aumentar o peso do alimento húmido na dieta é uma das intervenções mais úteis nesta fase.

**Fósforo moderado**, mesmo antes de qualquer diagnóstico.

**Atenção à boca.** A doença periodontal é muito prevalente e muito dolorosa, e um gato com dor oral come menos sem que ninguém perceba porquê. Muitos «gatos idosos que perderam o apetite» são gatos com dentes doentes.

**Croquete e comedouro acessíveis.** Um gato com artrose cervical ou dor articular tem dificuldade em baixar-se para uma tigela funda no chão. Tigelas largas e baixas, elevadas alguns centímetros, resolvem um problema que passa despercebido.

**Ómega-3 de origem marinha**, com efeito documentado no suporte articular e renal.

## 2.5 Gata gestante e em lactação

A lactação é o estado com maior exigência energética de toda a vida de um gato — superior ao crescimento. Uma gata a amamentar quatro ou cinco gatinhos pode precisar de **duas a seis vezes** a sua necessidade de repouso.

### Gestação

A gestação felina dura cerca de 63 a 67 dias. Ao contrário da cadela, a gata começa a **ganhar peso desde o início** da gestação, e não apenas no último terço — acumula reservas para a lactação que se segue.

A prática recomendada é passar a gata a **alimento de gatinho** desde a confirmação da gestação e mantê-lo até ao fim do desmame. O alimento de crescimento tem a densidade energética, a proteína e os minerais adequados, e poupa-lhe ter de gerir duas fórmulas.

### Lactação

- **Alimento disponível em permanência** — esta é a única fase da vida em que o acesso livre está claramente indicado.
- **Água sempre acessível e abundante.** A produção de leite consome muita água.
- **Alimento de gatinho**, húmido e seco, para maximizar ingestão energética e hídrica.
- **Vigie o peso da gata.** Perda acentuada durante a lactação indica ingestão insuficiente para a carga.

### Desmame

A partir das três a quatro semanas, os gatinhos começam a interessar-se por comida sólida. Oferecer alimento de gatinho humedecido em papa, num prato baixo e acessível, acelera a transição. O desmame completa-se tipicamente entre as seis e as oito semanas, e a gata volta gradualmente ao alimento de manutenção depois disso.

#### **DUAS SITUAÇÕES DE URGÊNCIA NESTA FASE**

**Eclâmpsia (hipocalcemia puerperal):** tremores, rigidez, inquietação ou convulsões numa gata a amamentar. É uma emergência. Não suplemente cálcio por iniciativa própria — vá ao veterinário.

**Mastite:** mama quente, dura, dolorosa ou avermelhada, com a gata a recusar amamentar. Precisa de tratamento.

### PARTE 3

# Problemas comuns

Sete situações que enchem as consultas felinas. Para cada uma: o que a alimentação resolve, o que não resolve, e onde está a fronteira com o veterinário.

### 3.1 Água: o problema central da alimentação felina

Se houver um único capítulo deste guia que valha a pena aplicar hoje, é este.

O gato doméstico descende do gato-bravo africano, um felino de zonas áridas que obtinha praticamente toda a água da presa que comia — uma presa com cerca de 70% de humidade. Nunca precisou de um impulso de sede forte, e por isso não o desenvolveu.

A consequência é direta: quando passamos um gato a uma dieta com 8% de humidade, **ele não compensa bebendo o suficiente**. Não é preguiça nem teimosia — é a ausência de um mecanismo que a espécie nunca teve necessidade de construir.

#### Porque isso importa

Um gato cronicamente com ingestão hídrica no limite produz urina mais concentrada. Urina mais concentrada significa maior concentração de minerais dissolvidos, que é precisamente a condição em que cristais se formam. E significa menor volume urinário, portanto menos lavagem da bexiga.

É por isso que a doença do trato urinário inferior é tão prevalente em gatos e tão associada a dietas exclusivamente secas. E é por isso que, ao longo dos anos, aumentar a ingestão de água é a intervenção nutricional com melhor retorno em saúde felina — mais do que qualquer marca ou suplemento.

#### NOVE FORMAS DE AUMENTAR A ÁGUA QUE O SEU GATO INGERE

- 1. Alimento húmido**, ainda que só uma refeição por dia. É a via mais eficaz de todas: a água vem dentro da comida e não depende da vontade de beber.
- 2. Água longe da comida.** Os gatos evitam beber junto ao local onde comem. Ponha o bebedouro noutra zona da casa.
- 3. Vários pontos de água** em sítios diferentes, incluindo pisos diferentes se a casa tiver.
- 4. Tigelas largas e pouco profundas**, cheias até acima. Muitos gatos preferem não enfiar a cabeça numa tigela funda nem encostar os bigodes às paredes.
- 5. Fonte de água corrente.** Muitos gatos bebem visivelmente mais de água em movimento. Não funciona com todos, mas quando funciona a diferença é grande.
- 6. Renovar a água pelo menos duas vezes ao dia.** Gatos são sensíveis a água parada há horas.
- 7. Material da tigela:** cerâmica, vidro ou inox. O plástico retém odores que alguns gatos rejeitam.
- 8. Acrescentar água morna à comida** — húmida ou seca. Morna liberta aroma e é mais aceite do que fria.
- 9. Longe da caixa de areia.** Nenhum gato bebe de bom grado ao lado do sítio onde faz as necessidades.

#### QUANDO BEBER MUITO É O PROBLEMA

Tudo o que está acima vale para o gato que bebe pouco. O contrário também é um sinal: um gato que **começa de repente a beber muito mais** e a urinar muito mais deve ir ao veterinário sem demora.

Aumento de sede e de urina são o sinal de apresentação típico de **doença renal crónica, diabetes mellitus e hipertiroidismo**. É uma mudança que os tutores muitas vezes interpretam como boa notícia — «finalmente está a beber água». Não é.

### 3.2 Trato urinário: cristais, cistite e obstrução

«Doença do trato urinário inferior felino» (FLUTD, na sigla inglesa) não é um diagnóstico: é um conjunto de sinais — urinar com frequência, em pequenas quantidades, com esforço, com sangue, fora da caixa, ou lambe-se excessivamente na região genital — que pode ter várias causas diferentes.

## As causas, e porque a distinção importa

**Cistite idiopática felina.** É a causa mais frequente, sobretudo em gatos jovens e de meia-idade. Inflamação da bexiga sem infecção nem cristais, com forte componente de **stress** e associação ao ambiente. O tratamento é tanto ambiental quanto médico — e nenhuma dieta urinária a resolve por si.

**Cristais e cálculos de estruvite.** Fosfato de amónio e magnésio, formam-se em urina **alcalina**. Têm uma característica útil: são **dissolúveis por dieta**, com fórmulas de acidificação e restrição de magnésio e fósforo.

**Cristais e cálculos de oxalato de cálcio.** Formam-se em urina **ácida**. Ao contrário da estruvite, **não se dissolvem com dieta** — têm de ser removidos. A dieta serve para prevenir recidiva, e é diferente da dieta para estruvite. Dar a dieta errada agrava.

**Tampões uretrais.** Mistura de cristais, muco e células que obstrui a uretra.

**Infeção bacteriana.** Pouco comum em gatos jovens; mais frequente em gatos idosos, com doença renal ou diabetes.

### OBSTRUÇÃO URINÁRIA NO MACHO — EMERGÊNCIA DE HORAS

Os gatos machos têm uretra longa e estreita e podem obstruir completamente. Um gato obstruído morre em **24 a 48 horas** por insuficiência renal aguda e alterações eletrolíticas que param o coração.

**Vá ao veterinário de urgência, imediatamente, se o seu gato:** vai repetidamente à caixa sem produzir urina; faz força e não sai nada; vocaliza ou parece com dor ao urinar; tem o abdómen tenso e dolorido; lambe insistentemente a região genital; está prostrado, a vomitar ou recusa comer.

Idas repetidas à caixa sem resultado são frequentemente confundidas com prisão de ventre. **Se é um macho, assuma que é a bexiga até prova em contrário** e vá de imediato. Isto não espera pela manhã seguinte.

## O que pode fazer sempre, sem risco

A escolha de uma dieta urinária específica é do veterinário, com base no que a análise de urina mostrou — porque a dieta certa depende do tipo de cristal. Mas há intervenções que beneficiam **todos** os perfis, incluindo a cistite idiopática:

- **Aumentar a ingestão de água** — as nove medidas do 3.1. Urina mais diluída é favorável em todos os cenários sem exceção.
- **Aumentar o alimento húmido** na dieta.
- **Caixas de areia: uma por gato, mais uma.** Limpas diariamente, em locais calmos, longe de comida e de zonas de passagem.

- **Reduzir stress.** Na cistite idiopática isto não é secundário — é central. Rotinas estáveis, esconderijos, pontos altos, gestão de conflitos entre gatos da casa, previsibilidade nas horas de comida.
- **Vigiar o peso.** A obesidade é fator de risco para FLUTD.

### 3.3 Obesidade e diabetes

A obesidade é a doença nutricional mais prevalente no gato doméstico e a porta de entrada para várias outras. Num gato, os números são pequenos e enganam: **meio quilo a mais num gato de 4 kg são 12% do peso corporal** — o equivalente a nove quilos numa pessoa de 75.

#### O que a obesidade traz atrás

- **Diabetes mellitus.** O excesso de peso é o principal fator de risco modificável. A forma felina assemelha-se à diabetes tipo 2 humana, com resistência à insulina.
- **Doença do trato urinário inferior.**
- **Artrose,** muito subdiagnosticada no gato porque ele não claudica de forma óbvia — deixa simplesmente de saltar para sítios altos.
- **Lipidose hepática,** se deixar de comer (ver 3.7).
- **Dificuldade em fazer a higiene,** com pelo emaranhado na zona lombar e caspa.

#### Como emagrecer um gato — devagar

##### NUNCA FAÇA UMA DIETA RÁPIDA A UM GATO

Esta é uma diferença crítica em relação ao cão. Um gato submetido a restrição calórica agressiva pode desenvolver **lipidose hepática**, uma condição grave em que a gordura mobilizada em excesso se acumula no fígado e compromete a sua função.

O ritmo seguro é **0,5% a 1% do peso corporal por semana**. Num gato de 6 kg, isso são 30 a 60 gramas por semana. É lento — e tem de ser. Um programa de emagrecimento felino conta-se em meses, não em semanas.

Perda de peso num gato deve ser feita **com acompanhamento veterinário**, não por conta própria.

- **Defina o peso-alvo** com o veterinário, por condição corporal.
- **Calcule as calorias para o peso ideal**, com fator 0,8.
- **Use uma fórmula de controlo de peso:** proteína alta para preservar músculo, gordura reduzida, fibra aumentada para saciedade.

- **Passe a mais húmido.** A baixa densidade calórica permite dar volume com menos calorias — no gato, funciona particularmente bem.
- **Acabe com o acesso livre.** Pese o total e distribua em três a quatro porções.
- **Corte os extras primeiro.** Snacks, leite, restos de comida: frequentemente 20% a 30% das calorias diárias.
- **Aumente a atividade** com brincadeira dirigida e comedouros de enriquecimento.
- **Numa casa com vários gatos,** separe as refeições — sem isso, o gato a dieta come a comida dos outros e o programa não funciona.

## Diabetes

Os sinais são sede e urina aumentadas, perda de peso apesar de bom apetite, e por vezes fraqueza nas patas traseiras com postura mais baixa.

Do ponto de vista dietético, a abordagem hoje favorecida assenta em **proteína alta e hidratos baixos**, o que significa habitualmente dietas húmidas ou secas especificamente formuladas — a lógica é não sobrecarregar um metabolismo da glucose já comprometido. Em alguns gatos, a combinação de dieta adequada, perda de peso e tratamento permite a **remissão**, algo que praticamente não acontece no cão diabético.

Mas isto é gestão clínica com insulina e curvas de glicemia. A dieta é uma peça, prescrita e monitorizada pelo veterinário.

## 3.4 Doença renal crónica

A doença renal crónica é uma das condições mais prevalentes no gato idoso, e a prevalência sobe acentuadamente com a idade. É também **silenciosa**: quando os sinais aparecem, uma fração significativa da função renal já está perdida, e o dano é irreversível.

### Os sinais, e o problema de chegar tarde

Sede e urina aumentadas, perda de peso gradual, apetite diminuído, pelo sem brilho, vômitos ocasionais, mau hálito, letargia. Muitos destes são atribuídos «à idade» durante meses.

#### A RECOMENDAÇÃO QUE MAIS VIDAS FELINAS PROLONGA

**Análises de sangue e urina anuais a partir dos 7 anos**, e semestrais a partir dos 11.

Não é uma medida nutricional, mas é o conselho mais útil que este guia lhe pode dar sobre um gato de meia-idade. A doença renal detetada precocemente permite intervenção dietética que tem **benefício demonstrado na sobrevivência**. Detetada tarde, restam poucas opções. A diferença entre os dois cenários é uma ida ao veterinário que custa muito menos do que o tratamento de uma crise.

## A dieta renal

É a intervenção não farmacológica com melhor base de evidência nesta doença. O que a caracteriza:

- **Fósforo restrito.** É o elemento central — a restrição de fósforo é a componente com benefício demonstrado na progressão da doença e na sobrevivência.
- **Proteína moderada, de alta qualidade e digestibilidade.** Não minimizada: reduzida o suficiente para diminuir a carga de resíduos azotados, mas mantendo massa muscular. Este equilíbrio é precisamente o que distingue uma dieta renal formulada de um alimento simplesmente pobre em proteína.
- **Ómega-3 de origem marinha,** com efeito renoprotetor documentado.
- **Potássio suplementado,** porque estes gatos perdem potássio pela urina.
- **Efeito alcalinizante,** para contrariar a acidose metabólica.
- **Muita água.** A forma húmida é geralmente preferível.

### ONDE O CAPÍTULO 2.1 SE PAGA

A dieta renal é frequentemente recusada por gatos que nunca comeram nada além de um tipo de croquete — e a recusa acontece no pior momento possível, num animal doente que precisa de comer.

É por isso que expor um gatinho a variedade de texturas durante o primeiro ano é uma decisão com retorno a dez anos de distância. Se o seu gato já é adulto e come só uma coisa, comece a alargar o repertório **agora**, enquanto está saudável e a recusa não tem consequências.

## 3.5 Vômito, bolas de pelo e digestão sensível

### Bolas de pelo (tricobezoares)

O gato ingere pelo ao lamber-se. Parte atravessa o tubo digestivo e sai nas fezes; parte acumula-se no estômago e é regurgitada. Um episódio ocasional, sobretudo em gatos de pelo longo ou em época de muda, está dentro do esperado.

O que ajuda:

- **Escovagem regular** — diária em pelo longo. É a medida mais eficaz, e retira o pelo antes de ele ser ingerido.
- **Fibra adequada** na dieta, que facilita o trânsito do pelo ingerido.
- **Boa hidratação,** que ajuda o trânsito intestinal.
- **Pastas e suplementos específicos,** usados pontualmente.

### QUANDO AS «BOLAS DE PELO» NÃO SÃO BOLAS DE PELO

O erro mais comum nesta área é atribuir vômito crónico a bolas de pelo e não investigar. Um gato que vomita **com regularidade** — mais do que uma ou duas vezes por mês — merece investigação, mesmo que às vezes saia pelo.

Vômito crónico no gato é a apresentação de **doença inflamatória intestinal, linfoma intestinal, hipertireoidismo, doença renal, pancreatite** e reação alimentar. Nenhuma se resolve com pasta de bolas de pelo.

E se o gato **engole excessivamente pelo**, vale a pena investigar a causa desse excesso: prurido alérgico, parasitas, dor localizada ou stress podem estar a levá-lo a lamber-se muito mais do que o normal.

### Regurgitação e vômito não são o mesmo

Vale a pena saber distinguir, porque a informação é útil ao veterinário. A **regurgitação** é passiva, sem esforço, logo após comer, e o material sai em forma de tubo e não digerido — sugere um problema esofágico ou simplesmente comer demasiado depressa. O **vômito** tem esforço abdominal, náusea prévia, e o material é parcialmente digerido.

Se o gato regurgita pouco depois de comer croquete inteiro, tente porções mais pequenas e mais frequentes, um prato largo e um comedouro de enriquecimento que abrande a ingestão. Muitas vezes resolve.

### Alimento de digestão sensível

- **Fonte proteica única, de alta digestibilidade**, reduzindo a carga no intestino grosso.
- **Gordura moderada**.
- **Prebióticos** — FOS, MOS, polpa de beterraba — para a microbiota.
- **Proteína hidrolisada ou novél**, se houver suspeita de reação alimentar.
- **Refeições pequenas e frequentes**, que no gato são o padrão natural.

## 3.6 Pele, pelo e comichão

O pelo do gato consome uma fração desproporcionada dos nutrientes que ele ingere, e um gato saudável passa uma parte substancial do dia a cuidar dele. Pelo sem brilho, caspa ou queda são frequentemente o primeiro sinal visível de um problema — nutricional ou não.

### O que a nutrição controla

**Proteína suficiente e de qualidade.** O pelo é essencialmente proteína. É a primeira coisa a verificar.

**Ácidos graxos essenciais.** O ômega-6 é estrutural para a barreira cutânea; o ômega-3 de cadeia longa (EPA e DHA, de origem marinha) é modulador da inflamação. No gato, o **ácido araquidônico** pré-formado é indispensável e vem de gordura animal.

**Zinco e biotina**, centrais na queratinização.

#### OITO A DOZE SEMANAS ANTES DE JULGAR

O ciclo do pelo faz com que qualquer alteração nutricional leve **dois a três meses** a mostrar-se. Se vai testar uma dieta para pele, comprometa-se com esse prazo e tire fotografias no início — a memória é péssima juiz de progressos lentos.

### O que a nutrição não controla

A maioria dos gatos que se coçam ou se lambem em excesso **não tem um problema alimentar**. As causas mais frequentes são:

- **Pulgas.** Continuam a ser a causa número um, mesmo em gatos exclusivamente de interior. A dermatite alérgica à picada da pulga provoca prurido intenso a partir de pouquíssimas picadas, e o gato metucoso remove as pulgas ao lambar-se — pelo que não as encontrar não exclui nada.
- **Dermatite atópica** — alergia ambiental a pólenes, ácaros, fungos. Não responde a mudança de ração.
- **Alergia alimentar**, que existe mas é minoritária. Diagnostica-se com dieta de eliminação (proteína hidrolisada ou novél única, **exclusivamente**, durante 8 a 12 semanas, seguida de reintrodução). Testes sanguíneos e salivares comercializados para alergia alimentar não têm fiabilidade suficiente.
- **Lambedura por stress** (alopecia psicogénica), que produz áreas sem pelo em zonas alcançáveis pela língua — barriga, virilhas, face interna das patas.
- **Dor localizada**, que leva o gato a lambar a zona dolorida.
- **Dermatofitose**, sarna e outras doenças específicas.

#### ANTES DE MUDAR DE RAÇÃO POR CAUSA DE COMICHÃO

Confirme que o **antiparasitário está em dia** e é adequado ao gato — e leve o animal a consulta. Feridas, crostas, áreas sem pelo, mau odor ou lambedura compulsiva são dermatologia veterinária, não nutrição.

**Nunca use antiparasitários para cão num gato.** Os produtos com **permetrina**, comuns em pipetas caninas, são altamente tóxicos para gatos e causam tremores, convulsões e morte. É um dos acidentes domésticos mais frequentes e mais evitáveis em medicina felina.

## 3.7 O gato que não come

Este capítulo é curto e é o mais importante do guia depois do da água.

### UM GATO QUE NÃO COME É UMA SITUAÇÃO URGENTE

No cão, um ou dois dias sem apetite é frequentemente banal. No gato, não é.

Um gato em anorexia — sobretudo se estiver acima do peso — mobiliza gordura em grande quantidade, e o fígado felino não tem capacidade para a processar. O resultado é a **lipidose hepática**, que pode instalar-se em poucos dias e é potencialmente fatal.

**Vá ao veterinário se o seu gato:** não come nada há **24 horas**; come muito menos do que o normal há **2 a 3 dias**; ou recusa comida acompanhada de prostração, vômitos, esconder-se ou respiração alterada.

Não espere «para ver se melhora amanhã». Neste caso específico, esperar é o erro.

### Porque um gato deixa de comer

Antes de assumir que é seletividade, considere as causas que um tutor pode verificar:

- **Dor na boca.** Doença periodontal, gengivoestomatite, dentes fraturados, lesões reabsorptivas. Muito prevalente e muito dolorosa. Um gato com dor oral aproxima-se da comida, tenta e afasta-se.
- **Nariz entupido.** O gato come sobretudo pelo olfato. Uma infeção respiratória que bloqueie o nariz corta-lhe o apetite.
- **Náusea**, por doença renal, hepática, pancreatite ou medicação.
- **Stress e mudanças** — obras, mudança de casa, novo animal, alteração do local do comedouro.
- **Comida rejeitada:** saco aberto há demasiado tempo com gordura oxidada, comida demasiado fria, tigela com odor a detergente ou a plástico.
- **Doença sistémica** de qualquer natureza.

### MEDIDAS QUE AJUDAM A ESTIMULAR A INGESTÃO

Enquanto aguarda consulta, ou como apoio a um plano veterinário:

**Aqueça a comida** ligeiramente, até à temperatura do corpo. O aroma multiplica-se e o gato come pelo olfato.

**Ofereça alimento húmido** de aroma intenso, tipicamente peixe.

**Tigela larga e baixa**, em local calmo e afastado da caixa de areia e da zona de passagem.

**Porções pequenas e frescas**, várias vezes ao dia, retirando o que sobra.

**Presença calma**: alguns gatos comem melhor com o tutor perto, sem insistência.

**Não force alimentação** com seringa por iniciativa própria: há risco de aspiração e de criar aversão duradoura à comida. Se for necessário, é feito com técnica e indicação veterinária.

#### PARTE 4

## Boas práticas

Cinco hábitos que fazem mais diferença do que a escolha da marca — incluindo dois que são específicos do gato e que quase ninguém aplica.

## 4.1 Mudar de alimento a um animal desconfiado

Mudar a ração de um cão é uma questão digestiva. Mudar a de um gato é uma questão digestiva **e comportamental** — e a segunda é normalmente a mais difícil.

O gato tem neofobia alimentar: a tendência a rejeitar o que não conhece. É uma vantagem evolutiva óbvia num predador solitário que não pode arriscar intoxicar-se, mas é um problema quando precisamos de mudar a dieta de um animal doente.

### A transição, mais lenta do que no cão

#### TRANSIÇÃO EM 10 A 14 DIAS — OU MAIS

**Dias 1 a 3:** 90% do alimento antigo + 10% do novo

**Dias 4 a 6:** 75% + 25%

**Dias 7 a 9:** 50% + 50%

**Dias 10 a 12:** 25% + 75%

**Dia 13 em diante:** 100% do alimento novo

Com um gato particularmente resistente, comece em 5% e prolongue cada etapa para uma semana. Uma transição de **três a quatro semanas** é perfeitamente normal em gatos difíceis — e muito melhor do que uma tentativa rápida que termina em recusa e desistência.

### Técnicas que aumentam a aceitação

- **Misture bem** na mesma tigela, em vez de dar em refeições separadas. O gato aprende a associar o novo cheiro ao sabor familiar.
- **Aqueça a comida** até à temperatura do corpo. O aroma é o que decide.
- **Dois pratos lado a lado**, com o antigo e o novo, deixando-o escolher — alguns gatos aceitam melhor quando não sentem a comida antiga a desaparecer.
- **Não deixe o gato com fome** para o forçar a ceder. Não funciona no gato, e pode levar a anorexia com risco de lipidose hepática (ver 3.7).
- **Se recusar uma etapa, volte à anterior** durante uma semana e avance mais devagar.
- **Não mude em simultâneo com outra alteração** — mudança de casa, obras, novo animal, medicação nova.
- **Recalcule as gramas.** O alimento novo pode ter densidade calórica diferente; mantenha o total em calorias, não em volume.

### AVERSÃO ALIMENTAR APRENDIDA

Se um gato prova um alimento novo num momento em que se sente mal — com náusea, no dia de uma consulta, logo depois de medicação — pode desenvolver **aversão duradoura** a esse alimento, associando-o ao mal-estar.

Isto tem uma implicação prática importante: **não introduza a dieta terapêutica nova no pior dia da doença**, nem durante um internamento se for possível evitar. Sempre que dê para escolher, introduza-a quando o gato já estiver a sentir-se melhor.

## 4.2 Conservação do alimento

No gato, a conservação pesa mais do que no cão, por duas razões: os alimentos felinos são mais gordos (portanto oxidam mais facilmente) e o gato é muito mais sensível à rejeição de comida alterada.

### O que acontece depois de abrir

**Oxidação das gorduras.** A gordura em contacto com oxigénio, luz e calor fica rançosa. Destrói ácidos graxos essenciais, degrada as vitaminas A, D e E, e altera sabor e aroma. Um gato que «de repente deixou de gostar da ração» está frequentemente a rejeitar gordura oxidada — e tem razão.

**Absorção de humidade,** com perda de crocância e risco de bolores e micotoxinas.

**Perda de aroma.** Crítico num animal que come sobretudo pelo olfato.

### COMO CONSERVAR CORRETAMENTE

**Mantenha no saco original** — é multicamada e funciona como barreira. Se usar um contentor rígido, ponha o saco inteiro dentro dele em vez de despejar.

**Fechê bem após cada uso**, expulsando o ar.

**Local fresco, seco e escuro.** Não junto ao forno, à máquina de lavar, nem na garagem ou varanda.

**Nunca deite ração nova sobre restos de ração velha.** A gordura oxidada acumulada no fundo contamina o produto novo. Lave e seque completamente entre sacos.

**Consuma em 4 a 6 semanas** após abrir. Este ponto é decisivo no gato: um gato de 4 kg come cerca de 65 g/dia, ou seja **menos de 2 kg por mês**. Um saco de 10 kg leva-lhe cinco meses — e nos últimos três já não vale o que valeu.

**Compre embalagens pequenas.** Em alimentação felina, o saco grande raramente é a compra mais económica: sai mais barato ao quilo e mais caro em qualidade efetivamente entregue.

## Alimento húmido

Lata ou saqueta aberta vai ao frigorífico em recipiente fechado — nunca a lata destapada — e consome-se em **24 a 48 horas**. Retire do frio e aqueça ligeiramente antes de servir: comida fria é muito menos aceite e liberta pouco aroma.

No comedouro, retire o que sobrar depois de **30 a 60 minutos**, e menos no verão. Alimento húmido deixado horas à temperatura ambiente estraga-se e ensina o gato a desconfiar da tigela.

## 4.3 Comedouros, bebedouros e onde os pôr

Este capítulo não existe no guia do cão, e é aqui que muitos problemas felinos se resolvem sem custo nenhum. O gato é extremamente sensível ao *contexto* em que come e bebe.

### A tigela

- **Larga e pouco funda.** Muitos gatos evitam tigelas fundas e estreitas, que os obrigam a enfiar a cabeça e a encostar os bigodes às paredes. Um prato raso resolve.
- **Cerâmica, vidro ou inox.** O plástico retém odores e risca-se, acumulando resíduos.
- **Ligeiramente elevada** — alguns centímetros — o que ajuda a postura e é particularmente útil em gatos idosos com artrose cervical.
- **Lavada com frequência**, e bem enxaguada. Resíduo de detergente é motivo suficiente para um gato recusar.

### A localização

- **Longe da caixa de areia.** Nenhum gato come de bom grado ao lado do sítio onde faz as necessidades. É o erro de disposição mais comum em apartamentos pequenos.
- **Zona calma**, fora de corredores, longe da máquina de lavar e de portas que batem.
- **Com via de fuga.** O gato não gosta de comer encurralado. Evite recantos sem saída.
- **Água separada da comida**, noutra zona da casa.

### Em casas com vários gatos

Este ponto é mal compreendido: o gato não é um animal de matilha e **não come naturalmente em grupo**. Tigelas juntas obrigam a uma proximidade que gera tensão — frequentemente silenciosa, sem confrontos visíveis.

- **Uma tigela por gato**, em pontos separados e sem contacto visual direto.
- **Vários pontos de água**, idealmente em zonas e pisos diferentes.
- **Caixas de areia: uma por gato, mais uma**, em locais distintos.

- **Se um dos gatos está a dieta ou tem dieta terapêutica**, alimente-o separadamente, em outra sala e com porta fechada. Sem isto, nenhum plano alimentar individual funciona numa casa com vários gatos.

#### O GATO «CHATO PARA COMER» QUE NÃO É CHATO

Antes de concluir que um gato é difícil, verifique nesta ordem: **a tigela** (funda? plástico? mal enxaguada?), **o local** (perto da areia? passagem? sem fuga?), **a comida** (saco aberto há muito? fria?), **os outros gatos** (há tensão à hora de comer?) e **a boca** (dor dentária?).

Uma parte considerável dos casos de seletividade resolve-se com alterações que não custam nada.

## 4.4 Snacks e o que nunca dar

A regra de referência é a mesma do cão: os snacks não devem exceder **10% das calorias diárias**. Mas no gato a margem absoluta é minúscula.

#### FAZER A CONTA

Gato esterilizado de 4,5 kg, com necessidade de cerca de 260 kcal/dia.

**Limite para snacks: 26 kcal/dia.**

Vinte e seis quilocalorias são pouquíssimo — tipicamente uns poucos snacks pequenos. Uma saqueta de paté de 85 g ronda as 70 kcal e, dada «a mais», representa mais de um quarto das necessidades diárias do animal.

Quando dá extras, **desconte da ração**. Nunca acrescente por cima.

Se usa comida para interação — o que é legítimo e bom para o vínculo — a opção mais simples é **retirar uma parte da ração diária** e usá-la como recompensa ao longo do dia. Custa zero calorias adicionais e cumpre a mesma função.

## ALIMENTOS E SUBSTÂNCIAS A EVITAR NO GATO

**Tóxicos alimentares:** cebola, alho, alho-porro e chalota (destroem os glóbulos vermelhos, e o gato é especialmente sensível); chocolate e cacau; uvas e passas; xilitol; álcool; massa de pão crua; café e bebidas com cafeína.

**Peixe cru em quantidade**, que contém tiaminase e pode causar deficiência de vitamina B1. **Atum de lata como base da alimentação** é desequilibrado e não é alimento completo. **Fígado em excesso** causa hipervitaminose A, com lesões ósseas dolorosas.

**Leite de vaca:** a maioria dos gatos adultos não tem lactase. Provoca diarreia.

**Ossos cozinhados**, que estilhaçam.

**Ração para cão como alimentação habitual** — ver 1.2. Risco de cardiomiopatia e cegueira.

**Medicamentos humanos, nunca.** O **paracetamol** é extremamente tóxico para gatos, que não possuem a via metabólica para o processar: uma dose pequena pode ser letal. O mesmo vale para ibuprofeno e aspirina.

**Antiparasitários para cão com permetrina**, altamente tóxicos para gatos.

**Plantas:** os lírios (*Lilium* e *Heimerocallis*) causam insuficiência renal aguda no gato, e a intoxicação pode ocorrer com muito pouco material — incluindo pólen no pelo. Não deve haver lírios em casa com gatos.

Em caso de suspeita de ingestão de um tóxico, contacte imediatamente o veterinário. **Não induza o vômito** sem indicação.

## 4.5 Quando este guia deixa de bastar

Parte da autonomia que este guia pretende dar-lhe é saber reconhecer o que não é uma decisão de nutrição. No gato isto é ainda mais importante do que no cão, porque a espécie esconde a doença — um gato doente comporta-se como um gato normal durante muito mais tempo.

**Marque consulta, em vez de mudar de ração, se o seu gato:**

- **Perdeu peso**, com ou sem bom apetite. No gato, este é o sinal a nunca ignorar.
- **Começou a beber e a urinar mais.**
- **Não come** há 24 horas, ou come muito menos há dois ou três dias.
- **Vai à caixa repetidamente sem produzir urina**, ou faz força. **Se for macho, vá de urgência.**
- **Vomita com regularidade**, mesmo que às vezes saia pelo.
- **Tem mau hálito**, saliva mais, ou aproxima-se da comida e afasta-se.

- **Deixou de saltar** para sítios onde saltava, ou de subir escadas — sinal frequente de artrose no gato.
- **Está a esconder-se**, mudou de rotina ou de temperamento.
- **Se lambe até criar falhas de pelo**, ou tem feridas e crostas.
- **Respira com dificuldade**, ou com a boca aberta. Isto é urgência imediata num gato.

**Peça uma dieta prescrita pelo veterinário se o gato tem:** doença renal crónica, doença do trato urinário inferior com cristais identificados, diabetes mellitus, hipertiroidismo, doença hepática, pancreatite, doença inflamatória intestinal, alergia alimentar confirmada, ou necessidade de perda de peso.

#### O QUE LEVAR A UMA CONSULTA DE NUTRIÇÃO

O **rótulo completo** do alimento atual (ou fotografia), a **quantidade exata em gramas** por dia, a lista de **todos os extras**, o **historial de peso**, quantos gatos há em casa e como são alimentados, e o que já tentou e com que resultado.

E, se for um gato com mais de 7 anos: peça **análises de sangue e urina** na mesma consulta. É a medida com melhor retorno em toda a medicina felina preventiva.

## ANEXOS

# Tabelas e glossário

Material de consulta rápida: quantidades diárias por peso e perfil, e a tradução dos termos que encontra num rótulo.

# Anexo A Rações diárias por peso e perfil

Valores em **gramas por dia** de alimento seco com **400 kcal por 100 g**. Se a sua ração tiver densidade diferente, multiplique o valor da tabela por 400 e divida pelas kcal/100 g do seu alimento.

| Peso   | kcal/dia<br>repouso (NER) | Perda de peso<br>fator 0,8 | Esterilizado<br>interior<br>fator 1,2 | Inteiro ou<br>ativo<br>fator 1,4 |
|--------|---------------------------|----------------------------|---------------------------------------|----------------------------------|
| 2,0 kg | 118                       | 24 g                       | 35 g                                  | 41 g                             |
| 2,5 kg | 139                       | 28 g                       | 42 g                                  | 49 g                             |
| 3,0 kg | 160                       | 32 g                       | 48 g                                  | 56 g                             |
| 3,5 kg | 179                       | 36 g                       | 54 g                                  | 63 g                             |
| 4,0 kg | 198                       | 40 g                       | 59 g                                  | 69 g                             |
| 4,5 kg | 216                       | 43 g                       | 65 g                                  | 76 g                             |
| 5,0 kg | 234                       | 47 g                       | 70 g                                  | 82 g                             |
| 5,5 kg | 251                       | 50 g                       | 75 g                                  | 88 g                             |
| 6,0 kg | 268                       | 54 g                       | 81 g                                  | 94 g                             |
| 6,5 kg | 285                       | 57 g                       | 86 g                                  | 100 g                            |
| 7,0 kg | 301                       | 60 g                       | 90 g                                  | 105 g                            |
| 8,0 kg | 333                       | 67 g                       | 100 g                                 | 117 g                            |

## COMO USAR ESTA TABELA

Escolha a linha do peso **ideal** do gato — não do peso atual, se estiverem diferentes. Escolha a coluna do perfil. Divida o valor por três ou quatro refeições. Aplique duas a três semanas e ajuste em incrementos de 10%.

**A coluna de perda de peso só deve ser usada com acompanhamento veterinário** (ver 3.3): no gato, emagrecer depressa traz risco de lipidose hepática.

Estes valores são para **gatos adultos**. Gatinhos, gatas gestantes ou em lactação têm necessidades bastante superiores — use os fatores do 2.2 e as indicações do alimento específico.

## Se dá alimento húmido

O alimento húmido ronda tipicamente as **70 a 100 kcal por 100 g** (uma saqueta de 85 g fica geralmente entre 60 e 85 kcal). Para uma dieta mista, some as calorias dos dois formatos e faça o total bater com a coluna do perfil. Confirme sempre o valor na embalagem, porque varia muito entre produtos.

### EXEMPLO DE DIETA MISTA

Gato esterilizado de interior, 4,5 kg → necessidade de **260 kcal/dia**.

**Uma saqueta húmida de 85 g** a 75 kcal = 75 kcal

**Restam**  $260 - 75 = 185$  kcal

**Em seco a 400 kcal/100 g:**  $185 \div 4,00 = 46$  g de seco

Dieta final: 1 saqueta + 46 g de seco, este último dividido em duas ou três porções.

## **Anexo B Glossário de termos de rótulo**

| Termo                                   | Significado                                                                                                                  |
|-----------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Ácido araquidónico</b>               | Ómega-6 de cadeia longa de origem animal. Essencial para o gato, que praticamente não o produz a partir de fontes vegetais.  |
| <b>Alimento completo</b>                | Fornece todos os nutrientes essenciais nas proporções adequadas. Pode ser a única fonte de alimentação.                      |
| <b>Alimento complementar</b>            | Não é nutricionalmente completo. Muitos patés e snacks entram aqui e não devem ser a base da dieta.                          |
| <b>Alimento dietético</b>               | Formulado para um objetivo nutricional numa condição de saúde. Usar sob orientação veterinária.                              |
| <b>Arginina</b>                         | Aminoácido essencial com requisito elevado no gato; necessário para eliminar amónia.                                         |
| <b>Cinza bruta / matéria inorgânica</b> | Total de minerais. Faixa normal em seco para gato: 6% a 9%.                                                                  |
| <b>Composição aberta</b>                | Ingredientes nomeados individualmente, com percentagens.                                                                     |
| <b>Composição fechada</b>               | Ingredientes agrupados em categorias genéricas («cereais», «carnes e subprodutos animais»).                                  |
| <b>Energia metabolizável</b>            | Energia efetivamente utilizável, em kcal. A base correta para calcular doses.                                                |
| <b>EPA / DHA</b>                        | Ómega-3 de cadeia longa de origem marinha. Relevantes para inflamação, pele, articulações e função renal.                    |
| <b>Estruvite</b>                        | Cristal de fosfato de amónio e magnésio, formado em urina alcalina. Dissolúvel por dieta específica.                         |
| <b>Extrato não azotado</b>              | O que resta após somar proteína, gordura, fibra, cinza e humidade. Na prática, sobretudo amido.                              |
| <b>FLUTD</b>                            | Doença do trato urinário inferior felino. Conjunto de sinais, não um diagnóstico único.                                      |
| <b>FOS / MOS</b>                        | Prebióticos que alimentam a microbiota intestinal.                                                                           |
| <b>Grain free</b>                       | Sem cereais. Descreve a origem do amido, não a quantidade. Não é sinónimo de baixo teor de hidratos nem de hipoalergénico.   |
| <b>Hidrolisado</b>                      | Proteína fragmentada em péptidos pequenos para não ser reconhecida pelo sistema imunitário. Base das dietas hipoalergénicas. |
| <b>Lipidose hepática</b>                | Acumulação de gordura no fígado num gato em anorexia ou a emagrecer demasiado depressa. Potencialmente fatal.                |
| <b>Matéria seca</b>                     | O alimento sem a água. A única base correta para comparar húmido com seco.                                                   |
| <b>Monoproteico</b>                     | Contém apenas uma fonte de proteína animal.                                                                                  |

|                            |                                                                                                                                                  |
|----------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Oxalato de cálcio</b>   | Cristal formado em urina ácida. Não se dissolve com dieta — a dieta serve para prevenir recidiva.                                                |
| <b>Proteína bruta</b>      | Calculada a partir do azoto total. Não informa sobre digestibilidade nem sobre perfil de aminoácidos.                                            |
| <b>Proteína novél</b>      | Fonte proteica a que o animal nunca foi exposto. Usada em dietas de eliminação.                                                                  |
| <b>Retinol</b>             | Vitamina A pré-formada, de origem animal. O gato não converte beta-caroteno vegetal em vitamina A.                                               |
| <b>Subprodutos animais</b> | Partes do animal não destinadas a consumo humano: órgãos, cartilagem, moela. No gato, muitos são de alto valor. O que importa é a especificação. |
| <b>Taurina</b>             | Aminoácido sulfurado, dieteticamente essencial para o gato. A deficiência causa cardiomiopatia dilatada e degeneração da retina.                 |
| <b>Tricobezoar</b>         | Bola de pelo formada no estômago a partir do pelo ingerido na higiene.                                                                           |

**Aviso.** Este documento tem carácter informativo e educativo. Não constitui aconselhamento médico-veterinário, não se destina a diagnosticar, tratar ou prevenir qualquer doença e não substitui a avaliação de um médico-veterinário. As recomendações apresentadas são de natureza geral e podem não ser adequadas a animais com condições clínicas específicas. Em caso de dúvida ou de sinais de doença, consulte sempre um médico-veterinário.

© 2026 Kanemaster Unipessoal, Lda. Todos os direitos reservados. Reprodução total ou parcial não autorizada.

## Sobre a Kanemaster

A Kanemaster é uma empresa portuguesa com mais de 16 anos dedicados ao bem-estar animal e à investigação em nutrição para cão e gato. Somos importadores exclusivos de marcas premium para o mercado português e desenvolvemos linhas próprias de suplementação.

Este guia faz parte do nosso trabalho de informação a tutores. Se tiver dúvidas sobre a alimentação do seu gato, fale com a nossa equipa.



### Ver a gama para gato

Aponte a câmara do telemóvel para o código e acede diretamente às rações e suplementos para gato.

[sportkane.com/racao-para-gatos](https://sportkane.com/racao-para-gatos)